

TODO ENCONTRO É UM REENCONTRO

Marcelo Edwards: Pela Fundação Europeia para a Psicanálise
Paris, abril-junho de 2017

Para o Fórum de Convergência Lacaniana: **LA RENCONTRE/O ENCONTRO**

Nos dicionários podemos encontrar várias acepções da palavra francesa "rencontre": encontro, achado/descoberta (*trouvaille*), desafio, duelo, enfrentar (*faire face*). Em português (espanhol), ela é geralmente traduzida por "encontro", uma vez que "reencontro" significa tornar a encontrar. Considero que a palavra francesa implica essa dimensão do reencontro, mesmo que ela não seja traduzida assim de forma habitual, já que descoberta, ou seja, "*trouvaille*", nos leva à noção freudiana de descoberta do objeto, que tem o sentido de um *encontro* em função de um traço que se repete.

É interessante notar que os dicionários nos remetem a duas acepções distintas do termo. Uma delas, feliz: encontro, reencontro, achado/descoberta; e a outra, da ordem da rivalidade: desafio, duelo, enfrentar.

Freud propunha (*proposait*) aos seus analisandos a associação livre e deixava para si a atenção flutuante. Ou seja, ambos os *partenaires* do encontro analítico deveriam soltar as amarras e se deixar levar pelo que surgisse na consciência, fosse o que fosse. Desse modo, ele trabalhava a falta no próprio dispositivo de cura, tanto de um lado como do outro. Isso é o que torna possível a abertura do inconsciente e, portanto, a fecundidade do ato analítico. Uma análise conduzida até seu término deve levar a esse ponto no qual se reintroduz a castração no sujeito e no Outro. Isso pode dar lugar a uma fraternidade sem ódio, que possibilite um trabalho entre analistas, com o propósito de fazer avançar a Psicanálise. Ou seja, que permita afrontar as resistências que outros discursos apresentam com relação ao discurso analítico.

Entre analisando e analista surge o "sujeito suposto saber". Há um saber, uma sequência significativa (*chaîne signifiante*): S2, um Outro, ao qual é atribuído um sujeito. Uma dupla suposição: a do saber inconsciente, e a de um sujeito que lhe pertenceria. Outra maneira de abordar o *Wo Es war, soll Ich werden* freudiano. Para que algo aconteça, para que se possa transferir/transmitir, sempre deve estar presente este terceiro na qualidade de \bar{A} , ou seja, *Urverdrängt*. Para que isso possa suceder na cura, o analista precisa presentificar a ausência: ϕ .

Se não for assim, cai-se na relação dual, imaginária, narcisista. No ódio-encantamento, que obstaculiza a superação da falta, gerando, assim, os *maus encontros*.

Todo encontro é um reencontro, seja com a falta que pode ocorrer ou com aquilo que impeça que ela ocorra, ou seja, com o narcisismo.

Aquilo que ocorre é da ordem da diferença e o que faz obstáculo é da ordem da identidade: a identidade cultural, a identidade nacional, a identidade do pensamento, a identidade de percepção, etc.

Entre identidade e diferença está em jogo a repetição, ao menos nas neuroses: o inconsciente retorna, abrindo brecha em nosso discurso consciente para nos recordar a castração que nos constitui.

Um analisando relata um sonho: levanta-se da cama de casal em que havia dormido, vira-se e *encontra*, surpreso, seu analista dormindo nela. Em seguida, sai por um longo corredor (igual ao de minha consulta), paga e vai embora. Como não sabe o que dizer, ênfase que se tratava de uma cama de casal. Isso o leva a várias associações. Por um lado, que ele dorme do lado esquerdo da cama com sua atual mulher, enquanto ela o faz do direito.

A mesma situação havia ocorrido com uma companheira anterior, com quem discutia muito. No entanto, anteriormente, com outras mulheres, era o contrário: ele sempre havia dormido do lado direito. Recorda que, quando pequeno, via seu pai dormir do lado direito e sua mãe do lado esquerdo. Ele acrescenta que sua mulher lhe diz que ela é uma mulher-homem e que ele é um homem-mulher, e que ela costuma comentar que as mulheres são ardilosas.

Veio pedindo uma análise pelo desejo de se dedicar à Psicanálise, mas também por suas inibições e, especialmente, por sua dificuldade para falar. Como filho único, ficou mais próximo da mãe, e não podia se dirigir a um pai pouco falante e imaginado como temível. E também, como foi possível ver mais tarde, por causa de seus próprios fantasmas parricidas. Depois de um longo período falando sobre a mãe e, outro tanto, sobre o pai, pôde situar-se em uma posição não imaginizada com relação a eles e *reencontrar-se* com ambos de outra maneira. Aos poucos, ele foi expressando o que pensava e queria em suas relações sociais e profissionais e, hoje, enfrenta o que deve decidir com respeito à sua mulher e sobre sua paternidade. De fato, agora ele a interpela de forma direta, sem rodeios.

Assim, seu analista aparece no sonho em uma posição feminina, enquanto ele ocupa um lugar masculino, inclusive, paterno. O sonho não faz mais do que refletir a mudança de posição subjetiva que esta análise lhe permitiu fazer. Vale ressaltar um pequeno detalhe do final do sonho: depois de transitar por um longo corredor — tal vez o trajeto que ele imagina ainda ter de percorrer na análise —, paga (assume sua dívida) e vai embora.

Cada um precisa fazer algo com relação à castração e à diferença sexual a título pessoal, mas quais são as carências dos psicanalistas e da Psicanálise atualmente?

No final de 2016, participei da conferência de um psicanalista francês, prestigiado no âmbito da IPA. Ele disse que havia sido feita uma enquete entre os membros sobre os critérios técnicos e que constataram que o único ponto de consenso era o fato de fazerem pagar as sessões em que o analisando não comparecia sem prévio aviso. Ele mesmo achou esse resultado surpreendente e duvidoso.

Estamos diante de uma babel semelhante? Que consenso existe entre nós? Temos uma política conjunta para responder às questões apresentadas em nossa época? Que responsabilidade nós temos com relação à nossa relativa regressão como disciplina nos últimos 30 anos?

De todo modo, isso me fez pensar em diversos temas de pesquisa e debate que ainda precisam ser esclarecidos no âmbito dos psicanalistas “lacanianos” em função da conjuntura de nosso tempo: neocapitalismo e sociedade de consumo, avanço das neurociências e do cognitivismo, assistência psiquiátrica com base em manuais regressivos em relação às contribuições da psiquiatria clássica, os quais justificam uma medicação abusiva e iatrogênica a médio e longo prazos, etc.

Tudo articulado a um maior questionamento da Psicanálise pelo fato de não ser — aparentemente — científica, à escassez de demandas de análises, à redução do número de sessões por parte dos analisandos, ao uso de novas tecnologias (Whatsapp, Skype, etc.) por parte dos analistas, etc.

Como se isso não bastasse, também vale considerar os pontos teóricos que deveriam continuar sendo alvos de debate, entre os quais menciono apenas alguns: a função paterna, a feminilidade, o real, o valor epistêmico da lógica laciana e a teoria das cordas, o estatuto científico da Psicanálise, o inconsciente cognitivo e o inconsciente psicanalítico, etc.

Às vezes, eu tenho a impressão de que os Fóruns ou Congressos que realizamos têm mais uma função social como também a de satisfazer nossos interesses turísticos — o que não é ruim — do que realizar verdadeiros debates científicos.

Além disso, perdemos muito tempo com lutas internas e em girar em torno de questões que não têm muito a ver com o que está acontecendo em nosso ambiente.

De fato, não é certo que nada de interessante tenha sido publicado nos últimos 30 anos. Muito pelo contrário. No entanto, a assimilação da enorme e frutífera obra de Lacan deixou pouco espaço para as novas contribuições que, no entanto, foram saindo à luz. Mas os esforços, neste sentido, são individuais.

Só poderemos avançar no interior do campo psicanalítico, como fora dele, a partir do intercâmbio de nossos acordos e diferenças. Ainda há muito trabalho pela frente. É preciso colocar mãos à obra para sair de certa estagnação e endogamia, que nos faz centrar de modo excessivo em nossas pequenas diferenças, ou seja, as narcisistas.